

PRESENTEAR, AFETAR E CRIAR PONTES: UMA PROPOSIÇÃO DE APRENDIZAGEM ACERCA DOS PROCESSOS DE FRICÇÃO ENTRE ARTE, EDUCAÇÃO, ESTÓRIAS E PESSOALIDADES

IVO BRAMÉ¹; BRENDA DOS SANTOS²; DEIVI MOTTA DA SILVA³; CAROLINE BONILHA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas– ivosohivo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brendas25a@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – deivimottadasilva@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – caroline.bonilha@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo visa apresentar uma proposta de oficina educativa realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Núcleo Artes Visuais UFPEL, que em parceria com o programa de residência artística do MALG (Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo), construiu pontes, propôs provocações e cruzamentos de experiências entre os artistas residentes do programa e os alunos do PIBID. A atividade aqui descrita foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, situada no bairro Areal em Pelotas (RS), com a orientação e ajuda da professora titular da escola. A oficina que foi proposta e realizada em uma classe do terceiro ano do ensino fundamental, ocorreu durante as nossas visitas à escola às quartas-feiras, durante o mês de junho e julho de 2023.

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) é um museu universitário ligado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), aberto à comunidade e sem fins lucrativos. Localizado no centro histórico da cidade, no prédio do antigo Liceu Riograndense, de significativa relevância histórico-cultural, tanto para a comunidade pelotense como para a universitária. Espaço conquistado após anos de luta institucional, por ter ocupado edificações alugadas pela cidade.

O programa de residência artística “Trânsitos Excêntricos”, foi um programa da Sociedade de Amigos do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (SAMALG), em parceria com o grupo de pesquisa Academia de Curadoria da Universidade de Brasília (UnB) e com o Laboratório de Curadoria do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (LACMALG) do Centro de Artes (CA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que convidou artistas a se candidatarem para uma residência artística com o tema “Migrações”, realizada com recursos do PRÓ-CULTURA RS FAC - Fundo de Apoio à Cultura, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Trânsitos Excêntricos, foi pensado a partir de situações, objetos, fazeres e afetos em torno da vivência experienciada pelos artistas em seus contextos locais, culturais e sociais. Participaram do programa Jessica Porciuncula que representou Pelotas e Elias Maroso pelo estado do Rio Grande do Sul. O terceiro artista Helô Sanvoy representou o território nacional e o quarto representando um território internacional, Charles Guilbert, um artista canadense.

A interdisciplinaridade, tomada como referência metodológica, foi utilizada como uma estratégia para provocar fissuras nos temas lineares da educação em artes nas escolas, utilizados com recorrência. Assim, a proposta colocou em horizontalidade as áreas que chamamos de educação, ciência e arte de tal modo

que as e os estudantes que participaram da oficina pudessem gerar deslocamentos, novos conhecimentos e questionamentos acerca da cultura, de um ponto de vista descolonizador, relacionando essas áreas do estudo ao trabalho dos artistas e ao tema da residência.

2. METODOLOGIA

Tal perspectiva nos permitiu propor para uma turma de terceiro ano do ensino fundamental a seguinte oficina que foi dividida em quatro atividades ou ações :

1. Na primeira atividade introduzimos a eles a técnica de impressão por gravuras, os alunos e as alunas foram convidados a circularem pelo espaço da escola, coletando folhas que os interessassem. Buscando estabelecer a partir desse movimento de colher as folhas, uma conversação entre corpo, espaço e material artístico. Assim como também um olhar apreciador do espaço à nossa volta. Esses temas eram incitados por meio de colocações, e conversas que se davam durante esse primeiro momento. Já em sala, os ensinamos a aplicarem tintas de cores variadas sobre as folhas, e pressioná-las sobre o papel em branco, obtendo assim uma impressão da folha sobre o papel. A partir disso estiveram livre para exercitar a imaginação e compor formas, sobreposições e cores da maneira que quisessem;
2. Na segunda atividade do conjunto, escolhemos a partir da reflexão sobre os trabalhos dos artistas em residência, um tema que unisse tanto o falar e pensar na cultura local, quanto o movimento de troca, para criação de pontes por meio de fissuras que abriam espaço para a afetação uns nos outros, umas nas outras. O dispositivo escolhido para a atividade foi a imagem de um Muiraquitã (amuleto presente na cultura dos povos originários brasileiros). A tradição acerca do amuleto se dá a partir do ato de presentear uns aos outros para desejar proteção e sorte. Consequentemente dessa premissa, confeccionamos carimbos com a imagem do Muiraquitã, a partir de materiais reutilizados, como papelão e pedaços de EVA. Contamos então a estória aos alunos e os incentivamos a novamente explorando diferentes cores, imprimiram em papéis as gravuras de Muiraquitã;
3. Na terceira semana, fizemos então a troca das gravuras de muiraquitãs. Foi proposto aos alunos que escolhessem um amigo para presentear com a gravura. Dessa maneira estabelecemos uma conexão com os temas propostos pela(o)s artistas, Jessica e Charles por meio programa de residência do MALG (museu de Artes Leopoldo Gotuzzo). Onde por meio de um resgate de um tema nacional, incentivou-se a prática de presentear, e trocar estabelecendo pontes e cruzamentos, entre vivências e afetividades, tal qual se deu no programa de residência, esses chamados “Trânsitos Excêntricos”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento de troca proposto pela(o)s artistas juntamente com discussão de MONCLÚS e SILVA (2019), permitiu-nos apresentar às alunas e aos alunos, uma prática baseada nas “poéticas infraordinárias” descritas por GLÓRIA e ANTONIO, pensando através dessa temas e cultura nacional. Tais proposições, nada mais são do que práticas transdisciplinares entre arte, educação, ciências, poéticas e histórias pessoais, que permitem exercitar outras maneiras de olhar o cotidiano e as relações através da arte. Trata-se também de uma prática transversal e rizomática, que pode ser explicada como um sistema epistemológico

onde não há raízes - ou seja, proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras, mas que somatiza tudo, como integrante do processo de fazer educação e conhecer. Como dito por GRIPPO (2016, p. 25), tendo assim “a imaginação como um instrumento de conhecimento criador não menos rigoroso que o fornecido pela ciência”.

Nesses encontros interfronteiriços entre “planos de imanências” (DELEUZE E GUATTARI, 1992) a proposição é tomada como um processo e não como um fim. Pensar no conceito de práticas infraordinárias, nos faz questionar os aparatos da educação, ciência, arte, poéticas, saberes populares e histórias pessoais assim como também os espaços onde eles se dão. Os despropósitos ocasionados pelos encontros entre os alunos e a arte nos permitem ver diferentemente as relações que podem ser construídas em distintos espaços de frequência da arte e construção da cultura e saberes populares, tais como uma sala de aula, a galeria, o museu, a roda de amigos, a conversa com a avó, a rua. Desde esta perspectiva que buscamos nos aproximar (a do infraordinário, da interdisciplinaridade e dos diálogos interfronteiriços) passamos agora a fazer destes lugares, um espaço para instaurar o imprevisível.

Durante a pesquisa empreendida para construção desta abordagem, nos deparamos com a obra “In the beginning was” de Chiharu Shiota, citada no texto Poéticas do infraordinário: encontros interfronteiriços entre arte, ciência e educação de GLÓRIA JOVÉ MONCLÚS e ANTÔNIO ALMEIDA SILVA (2019). A instalação gerava um impacto devido às suas proporções monumentais. A carga estética da exposição era constituída também pelos afetos de um grupo de pessoas que trabalhou na montagem da exposição. De acordo com MONCLÚS e SILVA(2019), aquela tinha sido a primeira vez que as/os trabalhadoras/es de uma pedreira que diariamente transformavam rochas em cascalho, se envolveram e participaram da construção de um projeto artístico. Disse um desses trabalhadores à autora e ao autor: “lá nós esmagamos as pedras para usá-las como materiais para a construção e aqui as tratamos como “rainhas artísticas”.

Tais colocações nos atravessaram para pensar em como a arte e saberes culturais se apresentaram nesse cruzamento proposto pela residência. Durante a segunda metade do programa, a artista Jessica Porciuncula, e o artista Charles Gilbert, a partir da inquietação pelo impulso de dissolver as barreiras socioculturais e fronteiriças que os atravessavam, para estabelecerem uma comunicação efetiva e livre, propuseram como medida o exercício de se desafiar através de provocações, a criarem desenhos, que eram “trocados” por eles. Fizeram assim, invenções de situações, aproximações e pontes entre suas culturas, educação, ciências e saberes, vivências.

No contato com os materiais permitiu-se assim, criar convergências, distanciamentos, aproximações que modificaram os modos de perceber das alunas e dos alunos, entre o período do início e término dessa proposição. A partir desta ação é possível enfatizar as multiplicidades do aprender, representada a partir das diferentes relações com o “pessoal” e o devir eu, traçados pelas alunas e pelos alunos em espaços de aprendizagens que valorizam o diálogo, a escuta e o compartilhamento de saberes.

4. CONCLUSÕES

Tal como dito por MONCLÚS e SILVA (2019) , as áreas do conhecimento traçam um fluxo rizomático de onde nenhuma se faz menos autorizada, menos potente que a outra, e todas são possíveis de experimentação. Essas estão

sempre rompendo, (inter)passando fronteiras e criando novas possibilidades em um movimento que nos leva a imaginar mundos, enquanto buscamos novos caminhos para construir saberes sobre nós mesmos, sobre as outras pessoas e sobre a vida.

O processo educativo aqui descrito nos permitiu aprender com o extraordinário, que tudo o que está à nossa volta, nos ensina. Tais exercícios nos permitiram perceber que a prática pedagógica em arte (na escola e ou em outros espaços educativos) podem ser realizadas de forma interdisciplinar, transversal e horizontal a partir de proposições que interligam saberes diversos e por meio de ações que se desdobram em relações potenciais a partir do encontro com o outro - o outro de si, a outra pessoa, o conhecimento e o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. Mediação Cultural para professores andarilhos da cultura. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

DELEUZE, G. GUATTARI, F.O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
GRIPPO, V. Incertezas Vivas. Catálogo Bienal de São Paulo, 32, São Paulo, 2016.

MONCLÚS, G.; SILVA, A. A.. Poéticas do extraordinário: encontros interfronteiriços entre arte, ciência e educação. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 23-48, mai./ago. 2019.

Programa de Residências no MALG: Trânsitos Excêntricos. **MALG, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**, 2023. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/malg/programa-residencias-malg_2023/. Acesso em: 21 ago. 2023.

GUILBERT, Charles . Charles Guilbert: Accueil. **Charles Guilbert**. Disponível em: <http://charlesguilbert.ca/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SANVOY, Helô. Da cabeça às costas. **Helô Sanvoy**, 2019. Disponível em: <https://www.helosanvoy.com/da-cabeca-as-costas>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MAROSO, Elias. Elias Maroso: Portfólio. **Elias Maroso**. Disponível em: <https://www.eliasmaroso.art.br/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PORCIUNCULA, Jessica. Bio currículo: Jessica Porciuncula. **Jessica Porciuncula**. Disponível em: <https://jessicaporciuncula.46graus.com/bio-curriculo/>. Acesso em: 21 ago. 2023.